

A ORIGEM INDIANA DE UM MITO DO BRASIL COLONIAL

*Eduardo de Almeida Navarro**

Resumo: Este artigo relata a história do mito de São Tomé desde seu surgimento na Índia e como ele pôde existir no Brasil no período colonial, desempenhando um importante papel na assimilação pelos portugueses dos novos fatos culturais revelados pela colonização.

Palavras-chave: Índia, mito, colonização

Abstract: This paper reports the history of Saint Thomas' myth since its birth in India and how it could exist in Brazil in the colonial period, playing an important role in the assimilation by the Portuguese of the new cultural facts revealed by the colonization.

Key words: India, myth, colonization

Introdução

Ao transpor o Cabo da Boa Esperança e realizar a façanhosa empresa de chegar às Índias, Vasco da Gama não somente desencadearia um dos mais notáveis processos civilizatórios da história do mundo, como também mudaria a configuração dos mitos europeus. Com efeito, o que chegava à Europa por meio dos navegadores italianos que negociavam com os árabes nos portos do Mediterrâneo eram informações fantasiosas que conduziam à formação de lendas, de histórias assombrosas que, durante séculos, povoaram o imaginário europeu. Com as Grandes Navegações dava-se o passo inicial no processo do conhecimento científico do mundo, conducente, na expressão de Max Weber, a seu “desencantamento”, que se completaria na Idade Contemporânea.

* Professor livre-docente do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo.

Assim, o lendário reino cristão da Índia, o do Preste João, sofreria um deslocamento geográfico, passando a existir, a partir de então, na Etiópia. Outro grande mito surgiria, nessa época, na Europa: o de São Tomé. Tomé, em grego Dídimos, palavra aramaica que significa “gêmeo”, era o nome do apóstolo que teria duvidado da ressurreição de Cristo e que, para nela crer, pôs os dedos em suas chagas. Uma tradição antiqüíssima atribui a conversão da Índia a esse apóstolo. Da Índia o mito chegou a Portugal e, logo mais tarde, ao Brasil, tornando-se um lugar-comum nas letras coloniais brasileiras até o século XVIII. Dezenas de autores escreveram sobre São Tomé, afirmando sua presença no Brasil nos tempos apostólicos.

No entanto, até a chegada dos portugueses, eram desconhecidos na Europa a natureza e os limites da fé cristã que, desde a Antiguidade, sabia-se existir na Índia. Quem eram os cristãos da Índia? Seguiriam eles as leis da Igreja? Seriam hereges? Ninguém podia responder a tais perguntas nos tempos medievais.

As informações acerca de uma cristandade na Índia na Antiguidade

Antes mesmo de muitas regiões do mundo serem convertidas ao cristianismo, a Índia já possuía milhares de cristãos. Eles estavam concentrados no sudoeste do país, na chamada Costa do Malabar, uma região de vegetação exuberante e luxuriosa, semelhante à da costa leste do Brasil. Os textos antigos falam desses cristãos.

É sabido que os antigos gregos e romanos conheceram muito bem a Índia. Muitos nomes de atuais localidades daquele país têm origem grega ou latina, como “Quilon” e “Trivandrum”, embora a Índia nunca tivesse sido parte do império romano. Alexandre da Macedônia, antes deles, chegou até o rio Indo, mas não conquistou o país.

Seja como for, mesmo não tendo sido parte do império de Alexandre ou do império romano, existiram intensas trocas comerciais e culturais entre a Índia e a Europa e regiões adjacentes ao Mediterrâneo. É surpreendente a semelhança entre certas fábulas indianas e as de Fedro e Esopo. Também a arquitetura indiana tomou muitas idéias dos gregos. Além disso, é muito provável que a cunhagem de moedas e a Astronomia na Índia muito devam aos gregos alexandrinos. Comerciantes indianos freqüentemente visitavam cidades do Ocidente como Palmira, Alexandria e Antioquia. O rei Kanishka (120-162), da região indiana de Kushan, teve largos contatos com os romanos, tendo enviado algumas embaixadas a Roma. Kanishka, que foi o maior dos reis de Kushan, controlou a rota da seda da Ásia Central, pela qual a seda da China chegava até o império romano. Segundo o historiador romano Plínio, da Índia Roma importava cem milhões de sestércios na forma de pedras preciosas, pérolas, especiarias, perfumes e pavões. Disse ele também

que, em sua época, 120 navios visitavam a cada ano os portos da costa ocidental da Índia. Existiam, na verdade, três rotas, uma por terra (a das caravanas, pela Mesopotâmia, Pérsia e Afeganistão) e duas por mar, uma partindo de Alexandria e a outra de Bosra.

Surgiram, assim, muitos empórios romanos em portos da costa ocidental da Índia: Andrópolis, a atual Karachi, no Paquistão, Muziris, na costa do Malabar, a atual Cranganore, Caliana, hoje Kala, etc. Já os empórios romanos na costa oriental da Índia não são facilmente identificáveis.

Desse modo, foi com a costa ocidental da Índia, a mesma onde aportariam mais de mil e quinhentos anos depois as caravelas portuguesas, que Roma fez grandes contatos na Antiguidade. Toda essa costa ocidental, tão parecida ao litoral do Nordeste brasileiro, passou a ser, no imaginário europeu, terra de abundantes riquezas.

Os judeus na Índia

Em vista do que mostramos anteriormente, não haveria, assim, nenhuma impossibilidade material de um judeu da Palestina, como o apóstolo Tomé, sair daquela província romana e ir estabelecer-se na Índia em meados do primeiro século depois de Cristo. O mais intrigante é o fato de existir, deveras, na costa do Malabar, e até hoje, uma comunidade judaica que, segundo alguns, foi para lá nos tempos da Diáspora, isto é, após o ano 72, quando o imperador Tito ordenou, após a famosa guerra de Bar-Kohba, que não houvesse mais judeus na Palestina. Outros sustentam a existência de judeus no Malabar desde o tempo de Salomão (século X a. C), isso porque, em alguns passos do Velho Testamento, fazem-se referências a certas especiarias, matérias e animais que, certamente, vinham da Índia. É o que lemos, por exemplo, no livro de Reis, III, 10: 22, em que se fala de marfim e macacos levados para o rei Salomão.

Na verdade, é difícil saber a época em que se estabeleceu uma comunidade judaica na Índia. O que os atuais judeus de Kerala (ou Malabar) afirmam é que lá chegaram no século I d.C. Hoje esses judeus reduzem-se a somente algumas famílias. Sua sinagoga, que os portugueses bombardearam no século XVI, foi reconstruída mais tarde e ainda subsiste, sendo a única de toda a Índia.

A existência de uma comunidade judaica na costa do Malabar, justamente onde se achavam cristãos desde a Antiguidade, levou alguns autores a supor que o apóstolo São Tomé teria feito parte dessa comunidade ou que teria pregado a doutrina de Cristo a tais judeus recém-chegados da Palestina, sendo mesmo possível que Tomé fosse um dos que participaram da Diáspora, ocorrida em 72 d.C.

Contudo, uma tradição imemorial reza que Tomé chegou à Índia no ano 52 d.C.,

portanto vinte anos antes da Diáspora. Seja como for, é interessante observar que o Malabar concentrou tanto os judeus quanto os primeiros cristãos da Índia. Haveria relação entre esses fatos? Não o sabemos.

Os contornos do mito na Índia antes dos portugueses

Segundo a tradição, São Tomé teria ido à Índia por mar. Para Zaleski (1912), ele teria seguido a rota que partia de Alexandria-Suez. A chegada do apóstolo à Índia teria acontecido um ano depois do Concílio dos Apóstolos em Jerusalém em 51 d.C.

Os primeiros cristãos da Índia, até a chegada dos portugueses, em 1498, não estavam unidos a Roma. Era uma cristandade praticamente isolada do Ocidente, com práticas rituais diferentes e seguidores de uma heresia havia muito extirpada da Europa, o nestorianismo, segundo a qual há em Jesus Cristo duas pessoas distintas, uma humana e outra divina. Sua língua litúrgica era o siríaco, uma língua semítica aparentada ao hebraico e falada em Edessa na Síria. Ficaram sendo chamados, então, de “cristãos siro-malabares”, para serem distinguidos dos católicos do rito latino. Até hoje, na Índia, principalmente no Malabar, existe a distinção entre cristãos siro-malabares e cristãos latinos, estes últimos aparecendo somente com a chegada dos portugueses.

Quando o papa João Paulo II esteve na Índia, em 1989, ele reiterou a idéia de que foi São Tomé quem converteu os primeiros cristãos naquele país. A tradição da Igreja, com efeito, é unânime em afirmar isso. O papa tão-somente confirmou o que era dito havia séculos. O Breviário Romano e o martirologio da Igreja Católica afirmam que São Tomé teria evangelizado os medas, os persas, os partas, os hircanos e os bactrianos e que ele foi martirizado em 68 d.C. em Calamina. Desse modo, São Tomé, entre sua chegada e sua morte, teria permanecido dezesseis anos na Índia, segundo a tradição católica. Mas há aqui um desencontro de tradições: os cristãos siro-malabares são unânimes em afirmar que São Tomé morreu em Meliapor (ou Maylapur), parte da cidade de Madras (atualmente Chennai), que se situa na costa leste da Índia. Seria Meliapor o mesmo que Calamina de que falam o Breviário Romano e o martirologio da Igreja Católica?

Meliapor (na língua tamil mailepouram, “vila do peixe”) parece ter um significado próximo ao de Calamina, que é, em tamil, uma espécie de peixe. Porém, a questão aqui não pode ser resolvida fora do domínio de tradição que se perde na noite dos tempos.

Em Meliapor existe uma basílica erguida no começo do século XX no lugar de uma antiga igreja demolida. Em sua cripta, atrás da igreja, visitada por milhares de indianos cristãos todos os anos, está o lugar em que São Tomé teria sido sepultado.

Meliapor situa-se numa pequena elevação que ficou a salvo dos “tsunamis” que atingiram as costas da Índia no final de 2004 e derrubaram quarteirões inteiros ao seu redor.

Como vemos, a tradição reza que São Tomé não morreu na costa do Malabar, onde está a maior parte dos cristãos primitivos da Índia, mas numa outra região do país, onde ele teria sofrido o martírio. A basílica de Meliapor e a basílica de São Pedro, em Roma, são as duas únicas igrejas construídas, segundo a Igreja Católica, sobre túmulos de apóstolos de Cristo.

Além dessas duas regiões da Índia, que têm uma tradição sólida e estabelecida da passagem do apóstolo São Tomé, há também uma região do atual Paquistão (que fazia parte da Índia até 1947) em que se diz que o apóstolo esteve: é a região do Sindh, onde atualmente está Karachi. Lá, segundo a lenda, São Tomé tomou contato com o rei Gondophares, do reino de Gandhara, situado na rota das caravanas que iam da Índia para a Mesopotâmia. Ora, durante séculos isso não passou de lenda sem nenhum fundamento histórico nem se tinha qualquer prova de que esse rei Gondophares tivesse existido em algum tempo. Mas no ano de 1834 descobriu-se no Afeganistão uma moeda do primeiro século da era cristã e, depois, mais outras moedas daquele reino de Gandhara onde está escrito o nome de Gondophares. Isso dá maior credibilidade à lenda que reza que São Tomé teve contato com esse rei. Pelo menos está provado que esse rei, cujo nome não se encontra mencionado em nenhum documento histórico, existiu, de fato.

Nada, porém, restou de uma cristandade no Paquistão, na região do Sindh, da qual nos fala São João Damasceno. Segundo ele, houve eremitas cristãos indianos que levavam no deserto vizinho do rio Indo uma vida de grande austeridade. João Damasceno menciona, entre esses, São Barlaam. Ele diz que também ali se desenvolviam mosteiros e que havia bispos para governar os numerosos cristãos dos quais não se têm mais notícias. Zaleski (1912) diz que a cidade do Sindh onde São Tomé teria centrado sua ação seria Narankot, hoje Hyderabad, no atual Paquistão.

A revivescência do mito de São Tomé com a chegada dos portugueses

Em 21 de maio de 1498 as naus de Vasco da Gama chegavam a Calicute na Índia. Ali foi recebido pelo Samorim, o rei local, tendo granjeado hostilidades por parte dos comerciantes árabes, temerosos de perder as vantagens comerciais que possuíam. De Calicute as naus de Vasco da Gama rumaram para Cananor, onde ele estabeleceu um tratado de paz e amizade com seu rei. Já antes de chegar à Índia, em Melinde, na costa oriental da África, os homens de Vasco da Gama haviam tido contato com cristãos de São Tomé. Assim, encontrá-los na Índia passou a ser um de seus alvos.

No entanto, pelo que se depreende do *Diário* da viagem, o capitão não se avistou com cristãos, mas com hindus, supondo-os cristãos. Seria, com efeito, na viagem de Pedro Álvares Cabral, em 1500, que os primeiros contatos com os cristãos de São Tomé realmente seriam feitos. De regresso a Lisboa, o capitão levaria consigo dois cristãos de São Tomé.

O mito arraigara-se, enfim, em Portugal e os primeiros contatos com as cristandades do Oriente estavam feitos. Faltava, agora, chegar ao túmulo do apóstolo, que estaria na costa ocidental da Índia em Meliapor. Somente em 1517 é que os portugueses chegaram àquele lugar, onde estaria, segundo uma tradição muito antiga, um pedaço de pedra em que São Tomé deixara as marcas de seu dedo polegar. A igreja que lá havia foi reconstruída pelos portugueses e gradativamente a população de origem lusitana em Meliapor foi crescendo. As marcas dessa presença podem hoje ser vistas nas inscrições ali deixadas em português sobre lápides.

Um fato de suma importância foi a chegada a Meliapor, em 1545, do jesuíta Francisco Xavier, que ali permaneceria durante quatro meses. Ele relatou ter lá encontrado uma importante comunidade cristã, tanto de europeus quanto de indianos, onde havia cerca de cem casais. Esses cristãos eram a espinha dorsal da cristandade na costa sudeste da Índia no século XVI e os guardiães daquele lugar sagrado.

Foi Xavier, certamente, quem fez a idéia da presença pretérita do apóstolo Tomé na Índia disseminar-se entre os jesuítas de todo o mundo.

Na década de setenta do século XVI, a grande epopéia da gesta portuguesa na Índia, *Os Lusíadas*, de Camões, daria alento a esse mito, que já possuía grande voga, então:

*As províncias que entre um e o outro rio
Vês, com várias nações, são infinitas:
Um reino Mahometa, outro gentio,
A quem tem o demônio leis escritas.
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem das relíquias santas e benditas
Do corpo de São Tomé, barão sagrado,
Que a Jesus Cristo teve a mão no lado.*

*Aqui a cidade foi que se chamava
Meliapor, fermosa, grande e rica;
Os ídolos antigos adorava,
Como inda agora faz a gente iníqua.
Longe do mar naquele tempo estava,*

*Quando a fé, que no mundo se pubrica,
Tomé vinha pregando, e já passara
Províncias mil do mundo que ensinara.
(...)
Choraram-te, Tomé, o Ganges e o Indo;
Chorou-te toda a terra que pisaste;
Mais te choram as almas que vestindo
Se iam da santa Fé que lhe ensinaste.
Mas os anjos do céu, cantando e rindo,
Te recebem na glória que ganhaste.
Pedimos-te que a Deus ajuda peças
Com que os teus lusitanos favoreças.
(Canto 10, CVIII, CIX, CXVIII)*

O mito de São Tomé no Brasil e sua presença em nossas letras coloniais

Resta-nos perguntar, agora, como tal mito teria chegado ao Brasil. Todas as pesquisas apontam para uma origem jesuítica dele. Sabemos como foi intensa a correspondência entre os jesuítas no século XVI. Todos os acontecimentos eram narrados periodicamente aos superiores gerais de Roma nas ditas “cartas ânuas”. As cartas de grandes missionários eram copiadas e lidas nas diferentes casas da Companhia de Jesus pelo mundo, pelas quais todos ficavam sabendo de suas obras nas terras do Oriente e da África. Cremos que a mais importante fonte de formação do mito no Brasil foram as cartas de Francisco Xavier, o apóstolo do Oriente.

O primeiro relato que dá conta de São Tomé em terras brasileiras é o do jesuíta português Manuel da Nóbrega, que, em meados do século XVI, falou da sua presença aqui em recuadas eras:

Dizem eles que S. Tomé, a quem eles chamam Zomé, passou por aqui, e isto lhes ficou por dito de seus antepassados e que suas pisadas estão sinaladas junto de um rio; as quais eu fui ver por mais certeza da verdade e vi com os próprios olhos quatro pisadas mui sinaladas com seus dedos, as quais algumas vezes cobre o rio quando enche; dizem também que, quando deixou estas pisadas, ia fugindo dos índios, que o queriam flechar, e chegando ali se lhe abriu o rio e passara por meio dele a outra parte sem se molhar, e dali foi para a Índia.

Para Nóbrega, assim, antes de pregar na Índia, São Tomé passou pelo Brasil e, como Moisés, atravessou a pés enxutos o mar até o Oriente.

Prosseguindo, ele nos conta que São Tomé, como Jesus, voltaria um dia:

Assim mesmo contam que, quando o queriam flechar os índios, as flechas se tornavam para eles, e os matos lhe faziam caminho por onde passasse: outros contam isso como por

escárnio. Dizem também que lhes prometeu que havia de tornar outra vez a vê-los (...).

Finalmente, ele nos sugere que São Tomé teria assumido certos atributos dados pelos índios a um herói civilizador de sua mitologia, chamado Sumé:

Dele contam que lhes dera os alimentos que ainda hoje usam, que são raízes e ervas e com isso vivem bem; não obstante, dizem mal de seu companheiro, e não sei por quê, senão que, como soube, as flechas que contra ele atiravam voltavam sobre si e os matavam.

(in Leite, S., Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil)

As mesmas marcas de pés nas pedras que já haviam sido referidas em Meliapor foram vistas também no Brasil por Manuel da Nóbrega. Como vemos, certos motivos edênicos de nossa colonização são arquetípicos. Por outro lado, um personagem mítico indígena, Sumé, foi identificado ao apóstolo São Tomé. Contribuiria para isso a semelhança sonora entre os nomes *Sumé* e *Tomé*. Segundo Clastres (1978, pp. 30-32),

Sabemos como se propagou entre os brancos a lenda segundo a qual o apóstolo São Tomé teria vindo evangelizar as Índias Ocidentais. Os guaranis, diz Montoya, sabem por tradição ancestral que São Tomé, a quem eles chamam Zumé, viveu outrora em suas terras. A mesma crença é atribuída aos tupis. (...) Sumé é o herói civilizador a quem os tupis atribuem, em especial, o conhecimento que têm da agricultura e sua organização social. Sumé, por conseguinte, ensinou outrora aos homens as artes da civilização: certas pegadas impressas em rochedos constituíam, para os tupis, a prova ainda visível da sua passagem. (...) Essa história de pegadas miraculosas viria a conhecer um sucesso inesperado entre os cristãos, contribuindo, sem dúvida, em grande parte, para a formação da lenda. Para eles, finalmente, o mito podia ser compreendido assim: a essas terras recentemente descobertas viera, outrora, uma personagem, a quem os índios deviam tudo o que de civilização possuíam. Acrescentemos a isso a semelhança dos dois nomes Sumé e Tomé e a fé nas Sagradas Escrituras que afirmavam que a palavra dos apóstolos correria toda a terra: já bastava isso para que a lenda ganhasse consistência. Graças a isso, a percepção do mundo índio se tornará coerente: será possível atribuir à pregação do apóstolo as parcelas de verdade que se crê identificar cá e lá no discurso indígena. (...)

Desde os primeiros tempos da conquista, os brancos apreenderam e relataram as crenças tupis-guaranis: delas retendo apenas os motivos que, nos termos da sua própria religião, eles podiam reinterpretar.

Para os europeus do século XVI, a descoberta da existência de seres humanos na América colocava uma séria questão: como incluir os índios nos esquemas de compreensão do homem e do mundo daquela época, em que a Bíblia era tomada em sua literalidade? Como ligar os índios à história da humanidade em geral, já que desde Santo Agostinho afirmava-se a unidade do gênero humano? Por outro lado, se a Bíblia dizia que a palavra dos apóstolos correria toda a Terra, teria chegado a

doutrina cristã até os índios da América? No Brasil, o que se fez foi interpretar o mito de Sumé, herói civilizador a quem os tupis da costa e outros grupos atribuíam, principalmente, o conhecimento que eles tinham da agricultura e de sua organização social, como uma narrativa da vinda do apóstolo São Tomé para a América.

O mito de São Tomé teve larga dura no Brasil. Anchieta, Ambrósio Fernandes Brandão, Antônio Vieira, Simão de Vasconcelos, todos referiram-se à presença do apóstolo de Cristo em terras brasileiras no passado. Para Antônio Vieira, em seu *Sermão do Espírito Santo*, a pregação de São Tomé entre os índios, isto é, entre as gentes mais inconstantes e incrédulas, foi a missão que Cristo lhe delegara para penitência por sua incredulidade, já que duvidara de sua ressurreição:

Como São Tomé, entre todos os apóstolos, foi o mais culpado da incredulidade, por isso a São Tomé lhe coube na repartição do mundo a missão do Brasil; porque, onde fora maior a culpa, era justo que fosse mais pesada a penitência. Como se dissera o Senhor: os outros apóstolos que foram menos culpados na incredulidade vão pregar aos gregos, vão pregar aos romanos, vão pregar aos etíopes, aos árabes, aos armênios, aos sármatas, aos citas; mas Tomé, que teve a maior culpa, vá pregar aos gentios do Brasil e pague a dureza de sua incredulidade com ensinar gente mais bárbara e mais dura. Bem o mostrou o efeito. Quando os portugueses descobriram o Brasil, acharam as pegadas de São Tomé estampadas em uma pedra que hoje se vê nas praias da Bahia, mas rasto nem memória da fé que pregou São Tomé, nenhuma acharam nos homens.

Em 1781, Santa Rita Durão, em sua epopéia *Caramuru*, ainda testemunhava a sobrevivência do mito no Brasil no final do século XVIII. Nos passos seguintes, o índio Gupeva fala a Diogo Álvares Correia acerca de um profeta que anunciara aos aborígenes o Evangelho (“outra lei”), que eles não aceitaram:

*Outra lei depois desta é fama antiga,
Que observada já foi das nossas gentes,
Mas ignoramos hoje a que ela obriga,
Porque os nossos maiores, pouco crentes,
Achando-a de seus vícios inimiga,
Recusaram guardá-la, mal contentes:
Mas da memória o tempo não acaba
Que pregara Sumé, santo emboaba.*

*Homem foi de semblante reverendo,
Branco de cor e, como tu, barbado,
Que desde donde o sol nos vem nascendo,
De um filho de Tupã vinha mandado:
A pé, sem se afundar (caso estupendo!)*

*Por esse vasto mar tinha chegado;
E na santa doutrina que ensinava,
Ao caminho dos céus todos chamava.
(Canto 3, LXXX-LXXXI)*

Assim, Sumé inseria a todos os índios no plano salvífico de Deus, na história da salvação da humanidade.

Conclusão

O mito de São Tomé no Brasil durou três séculos e foi importante em todo o Império Português e mesmo fora dele, tendo penetrado no período colonial até nos confins do Paraguai, da Argentina e do Peru. É sabido como ele ainda vive nas tradições de certos guaranis da América do Sul.

O mito de São Tomé garantia a universalidade, a catolicidade da doutrina cristã, que a descoberta de novos continentes poderia pôr em questão. Referindo o passado indígena à história da salvação da humanidade, a percepção do mundo índio se tornaria coerente, a verdade bíblica estaria a salvo do relativismo geográfico, estaria garantida a universalidade da revelação e os esquemas de compreensão do homem e do mundo, fundados na Bíblia, não seriam subvertidos.

Referências Bibliográficas:

- CAMÕES, Luís Vaz de, *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro, Companhia José Aguilar Editora, 1973.
- CASTANHEDA, Fernão Lopes de, *História do Descobrimento & Conquista da Índia pelos Portugueses*. Coimbra, Ed. P. de Azevedo, 1924-33.
- CLASTRES, H., *Terra sem Mal, O Profetismo Tupi-Guarani*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1978.
- COSTA, José Pereira da, *Gaspar Correia e a Lenda do Apóstolo São Tomé*. II Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa. Lisboa, 1980.
- DURÃO, José de Santa Rita, *Caramuru, Poema Épico do Descobrimento da Bahia*. São Paulo, Editora Martin Claret, 2003.
- LEITE, Serafim, *Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil*. São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954, 3 vols.
- MATHEW, K. S., *The Portuguese and the Socio-Cultural Changes in India, 1500-1800*. Panjim, Fundação Oriente, 2001.
- VIEIRA, Antônio, *Sermões*. Porto, Lello e Irmão Editores, 1959.
- ZALESKI, L. M., *The Apostle St Thomas in India: History, Tradition and Legend*. Mangalore, 1912.